



Narrar para Existir: Vivências de uma Jovem Lésbica do Interior da Bahia

EIXO 28 - NARRATIVAS, GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO: ENCONTROS INSURGENTES / AXIS 28 - NARRATIVES, GENDERS, SEXUALITIES, AND EDUCATION: INSURGENT ENCOUNTERS (ONLINE)

Camila Silva Santos¹

RESUMO

Este trabalho explora as vivências de uma jovem lésbica do interior da Bahia, destacando como a leitura e a escrita se tornaram instrumentos poderosos de resistência e autoconstrução. A partir de um relato sensível e profundo, evidencia-se o papel dessas práticas como refúgio e forma de sobrevivência para pessoas LGBTQIAPN+ que enfrentam exclusão e preconceito por não se enquadrarem nos padrões normativos impostos pela sociedade. O objetivo central do estudo é demonstrar como ler e escrever podem salvar vidas, oferecendo a indivíduos deslocados ou marginalizados uma oportunidade de se reconhecerem, expressarem e construir suas próprias narrativas. O artigo enfatiza, em especial, o potencial emancipatório da escrita, que não apenas dá voz a subjetividades silenciadas, mas também possibilita o compartilhamento de experiências e a criação de redes de acolhimento e empatia. Para fundamentar essas reflexões, recorre-se a autoras como Conceição Evaristo, com suas contribuições sobre escrevivência e resistência; Elayne Baeta, que aborda questões LGBTQIAPN+ com profundidade e sensibilidade; e Carolina Maria de Jesus, cujo legado literário testemunha a luta e a superação por meio das palavras. Dessa forma, o artigo ressalta a importância da literatura como espaço de expressão e libertação, reafirmando que narrar e compartilhar histórias é também um ato de existir e resistir.

Palavras-chave: Vivências; LGBTQIAPN+; Escrita; Leitura..

Introdução

“E a gente vai à luta e conhece a dor.” O trecho da música *Toda Forma de Amor* traz uma reflexão profunda sobre a trajetória das pessoas LGBTQIAPN+, que, ao longo de suas vidas, enfrentam a marginalização e a busca por reconhecimento. A vivência dessa dor deixa marcas profundas, mas torna a escrita um espaço de libertação e resistência.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, camila9185@icloud.com;



Conforme destaca Conceição Evaristo (2017): “Eu sou uma escritora. Escrevo a partir da experiência da vida. Minha escrita é carregada de vozes, de experiências, de sentimentos coletivos. Escrevo porque muitas vozes me escrevem.” Inspirada por Evaristo, quem vos escreve encontra, na escrita de diários, uma forma de desaparceramento da sua sexualidade no interior da Bahia, percebendo-se como diferente do "normal".

O objetivo dessa narrativa é mostrar aos jovens LGBTQIAPN+ que virão depois de mim que nossas histórias importam, que nossas vozes têm valor e que não devemos nos envergonhar de quem somos e como a leitura e a escrita podem salvar nos e nossa comunidade.

Irei me basear nas ideias de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Elayne Baeta, mulheres negras e lésbica que usaram suas vozes para, de alguma forma, inspirar outras mulheres e não deixar que desistissem de si mesmas.

A você, querido leitor, peço que leia esta narrativa com o coração aberto e disposto, não a sentir pena de quem escreve, mas a compreender a essência das palavras. Digo, ainda: nada é verdade, nada é mentira, nada se passou exatamente do jeito que está, mas tudo o que eu escrevo se passou(Conceição,2017).

O ser lésbica

Durante toda a minha infância, nas poucas vezes em que ouvi falar sobre as pessoas LGBTQIAPN+, era sempre de forma pejorativa, com estranheza, vergonha e medo. Passei minha infância inteira entendendo que ser gay ou lésbica era errado. Por fazer parte de uma religião conservadora, aprendi que as mulheres devem se casar com os homens, pois essa seria a forma 'ideal' de viver.

Aos 12 anos, comecei a perceber que era diferente das minhas amigas e que não falava nem pensava nos meninos como elas. Fiquei logo apreensiva, com medo de ser diferente do que se dizia “normal”. Com todo esse medo guardado dentro de mim, comecei a escrever em um caderninho velho sobre meus receios e minha vontade de ser “normal”.



Em um dos textos, escrevi: “Ó Deus, por que me amaldiçoaste? Minha mãe nunca vai me amar” (Camila, 2015).²

Esse medo de ser diferente me levou a tentar me padronizar em todos os momentos da minha vida. Desde muito cedo, entendi que ser diferente não era certo; eu teria que seguir o que minha família esperava de mim.

Aos 13 anos, tive meu primeiro namorado. O que deveria ser o meu primeiro amor se tornou meu pior pesadelo. Era estranho o que eu sentia, como se, a todo momento, estivesse me perdendo de mim mesma. Os romances que via nas novelas mostravam a mocinha se apaixonando pelo mocinho, mas eu sempre me questionava por que não sentia absolutamente nenhuma atração por aquele garoto.

Ao mesmo tempo, ver Maria Gadú cantando *Shimbalaiê* na TV me dava mais tesão do que beijar ou pensar em garotos. Demorei para perceber que a gente gasta tanto tempo tentando ser perfeito que até esquece de ser quem a gente verdadeiramente é (Sales, 2014). Foi um turbilhão de emoção quando comecei a perceber que eu nunca atingiria as expectativas nem a perfeição.

Quando entrei no primeiro ano do ensino médio, tive aulas marcantes, especialmente as de História. Em uma delas, discutimos a Idade Média e como a Igreja utilizava o medo para controlar, prender e até matar pessoas. Durante essa aula, meu cérebro recebeu um pequeno alerta: percebi como o medo do pecado e a idealização do inferno ainda podem aprisionar as pessoas nos dias atuais, não de forma física, mas psicológica.

Foi nesse momento que comecei a questionar a igreja que eu frequentava na época. Passei a enxergar que a narrativa sobre pecado, céu e inferno poderia ser, de certa forma, uma maneira de incutir medo naqueles que seguem essa religião. Principalmente quando se tratava da comunidade LGBTQIAPN+: se um cristão fosse ou apoiasse alguém LGBTQIAPN+, ele já estaria, segundo essa lógica, condenado. Esse pensamento me fez refletir mais profundamente sobre fé, medo e controle.

² Extraído do diário da autora.



Em uma aula de sociologia, no ano de 2019, tive o privilégio de aprender sobre os movimentos sociais. Foi nesse momento que foi apresentado o movimento LGBTQIAPN+ de uma maneira que nunca tinha visto falar antes. Até então, minha visão sobre o assunto era limitada a preconceitos e informações distorcidas, mas, ao compreender a história, as lutas e a importância da militância das pessoas LGBTQIAPN+, comecei a enxergar a realidade sob uma nova perspectiva.

A ideia de que ser LGBTQIAPN+ era algo errado ou condenável, que havia sido enraizada em mim ao longo da vida, começou, ainda que de forma sutil, a se dissipar. Passei a questionar crenças que antes pareciam inquestionáveis e a refletir sobre o impacto do preconceito na vida das pessoas. Com o tempo, essa reflexão se intensificou, e senti a necessidade de me expressar de formas que antes evitava. Foi assim que comecei a escrever sobre o tema no meu terceiro diário.

Logo após completar 15 anos, tive meu primeiro relacionamento com uma menina. Beijá-la foi como abrir uma porta para um universo desconhecido, um lugar onde tudo parecia certo, intenso e verdadeiro. Naquele instante, eu soube: havia algo em mim que ia contra tudo o que sempre me disseram ser “o normal”.

Mas a euforia da descoberta logo foi atravessada pelo medo. “E Deus? Vou para o inferno?” Essa pergunta ecoou dentro de mim como um trovão, rompendo qualquer certeza que eu achava ter. O caos não demorou a ultrapassar os limites do meu corpo e se instalou também na minha casa, na minha família, nos olhares que agora pareciam pesar sobre mim.

Descobrir quem eu era deveria ser libertador, mas, naquele momento, parecia uma sentença. Foi então que mergulhei em busca de representatividade, tentando encontrar ecos da minha própria história nas páginas de livros e nas redes sociais. Queria entender se havia um lugar para mim no mundo. Quando terminei meu primeiro livro sáfico, *O Amor Não É Óbvio*, de Elayne Baeta, soube que era hora. Aquele livro me deu coragem. Eu precisava contar para minha mãe. Foi um dos dias mais contraditórios da minha vida: um misto de tristeza e felicidade.



Quando as palavras saíram da minha boca, o silêncio dela foi mais pesado do que qualquer resposta. A rejeição doeu, mas, de alguma forma, ao me olhar no espelho depois daquele momento, algo mudou. Pela primeira vez, vi a mim mesma de verdade. E isso, sim, foi libertador.

As adversidades não pararam depois que decidi assumir meu relacionamento nas redes sociais. O que deveria ser motivo de amor e comemoração se tornou um furacão. Pela primeira vez, senti na pele o peso da lesbofobia, não apenas em palavras ditas pelas costas, mas nos olhares cortantes e na maneira como algumas pessoas passaram a me tratar.

Viver em uma cidade do interior só fez o boato se espalhar mais rápido. E então veio o que eu jamais imaginei: religiosos batendo à porta da minha casa, tentando me oferecer a chamada “cura”, como se amar pudesse ser um erro, como se minha existência precisasse de conserto. É absurdo pensar que, no fim das contas, eu era apenas uma adolescente como qualquer outra querendo viver, sentir, amar. Mas, para muitos, meu amor era um problema.

Foi então que decidi começar a terapia, na esperança de organizar o caos que habitava minha mente. Esse passo foi um verdadeiro divisor de águas, me ajudando a lidar não apenas com minhas próprias questões, mas também com a relação com minha mãe.

Elayne Baeta, em *Oxi Baby*, escreve sobre o processo evolutivo das borboletas, fazendo uma analogia com a jornada de sua mãe para aceitá-la. Essa metáfora me fez enxergar que, assim como as borboletas, algumas transformações levam tempo e, às vezes, a aceitação também é um processo de metamorfose. E foi assim que consegui acalmar meu coração para as questões relacionadas a minha mãe.

A aceitação nem sempre acontece no tempo que desejamos, mas aprendi que o mais importante é primeiro nos aceitarmos. Minha jornada ainda não acabou, e talvez nunca acabe, porque o autoconhecimento e a construção do amor próprio são processos contínuos. Mas agora sei que meu amor nunca foi um erro. Ele é real, legítimo e merece existir sem medo. Se há algo que aprendi, é que, apesar das tempestades, sempre há um novo amanhecer.



Considerações Finais

Observando toda a minha trajetória, os medos, os anseios e as batalhas que enfrentei me lembro das palavras de Maria Carolina de Jesus: "*Eu classifico a literatura como a manifestação da alma. É pelo que escrevemos que sabemos quem somos.*" Foi através dos diários que escrevi e dos livros que li que encontrei minha voz e me libertei do medo.

Hoje, aos 20 anos, uma professora em formação, é estranho pensar tudo que já vivi e conseguir perceber que minha história carrega marcas dolorosas, mas também resistência e, acima de tudo, amor. Porque, como já dizia Milton Santos, "*qualquer maneira de amor vale a pena.*"

A você que lê essas palavras e está nesse processo, talvez doloroso, de autodescoberta, desejo mares mais calmos e coragem para enfrentar as grandes ondas. Nunca se esqueça: você não está sozinho.

Agradecimentos

Agradeço a mim mesma pela resistência e por acreditar na potencialidade da minha voz. Expresso minha gratidão à minha orientadora, Isabelle Sanches, por me mostrar que mulheres lésbicas merecem e ocupam grandes posições. À professora Márcia Torres, por me apresentar o caminho da pesquisa e me guiar para dar voz às minhas inquietações. Sou grata a todas as minhas professoras do ensino médio, em especial às professoras Mariana Moreira, Arlene Silva, Bárbara Anunciação e Juciane Guimarães. Vocês foram singulares no meu processo de descoberta e aceitação. Por fim, agradeço à minha amiga Nathalia Martins por me mostrar e me obrigar a me inscrever nesse evento.

Referência

BAETA, Elayne. *O amor não é óbvio*. São Paulo: Seguinte, 2021.

BAETA, Elayne. *Oxi Baby*. São Paulo: Editora Seguinte, 2022.



GADU, Maria. *Shimbalaiê. Maria Gadú*. São Paulo: Som Livre, 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/>Acesso em: 14 fev. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Editora SESI-SP, 2014.

SALES, Raphael.. *Recanto das Letras*, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/frases/5085621>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SANTOS, Lulu. *Toda Forma de Amor*. In: SANTOS, Lulu. *Toda Forma de Amor*. Rio de Janeiro: BMG, 1988. Faixa 1.

SANTOS, Milton. *Paulo e Bebeto*. Composição de Milton Santos. 1985.